

GESTÃO

RECOMPOR
APRENDIZAGEM
AINDA É DESAFIO
EM 2023

1

>> Efeitos da pandemia podem ser duradouros sem ações de recomposição

2

>> É preciso reconectar alunos a trajetórias afetadas pelo distanciamento

3

>> Identificar lacunas e engajar estudantes são estratégias fundamentais

Passados quase três anos do início da pandemia de Covid-19, as perdas de aprendizagem são uma das consequências mais visíveis do prolongado período de ensino remoto sobre o desenvolvimento dos estudantes, e seus impactos continuam visíveis nas escolas neste ano letivo de 2023.

O que é observado pelos educadores cotidianamente foi identificado também por uma série de estudos e pesquisas. Um dos últimos, divulgado em dezembro de 2022, foi uma *nota técnica* produzida e elaborada pelo Laboratório de Pesquisa em Oportunidades Educacionais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). O documento faz uma revisão da literatura atualizada, nacional e internacional, sobre o tema e, dentre outros pontos, destaca que as perdas de aprendizagem ocorreram no mundo inteiro e de forma mais

acentuada nos países em desenvolvimento. “No Brasil, estudos identificaram perdas médias estimadas entre 4 a 10 meses de aprendizagem, sendo maior em matemática e entre crianças mais novas”, destaca a Nota.

RECOMPOSIÇÃO X RECUPERAÇÃO

Diante desse cenário, o termo “recomposição das aprendizagens” passou a figurar com frequência nos debates educacionais e diversas ações vêm sendo desenvolvidas nas redes de ensino com esse foco. Embora ainda haja uma confusão entre os conceitos, recomposição e recuperação da aprendizagem não são sinônimos.

“No contexto educativo, quando a gente fala de recuperação, estamos falando de um movimento organizado para atender às necessidades dos nossos estudantes que tiveram a oportunidade de aprender com recursos materiais, com formas pensadas especificamente para isso e que, no entanto, não foram suficientes, não conseguiram consolidar aquilo que era esperado. E aí a gente realiza a recuperação, que é um processo mais pontual, mais focado naquela necessidade daquele estudante e damos aí uma nova oportunidade de ele aprender”, explica a especialista do Instituto Reúna, Cristiane Chica, durante webinar sobre o tema promovido em setembro de 2022 pelo Consed, em parceria com o Instituto Unibanco e o Reúna.

E complementa: “Hoje estamos vivendo um processo de dois anos de afastamento desses estudantes de aulas presenciais. Portanto, dizer que vamos fazer um processo de recuperação com eles não seria justo. A recomposição traz ideia de reconstruir, de reorganizar, restaurar um caminho, reconectar o estudante a uma trajetória cognitiva que foi afetada pelo distanciamento. A recomposição necessita de uma ação mais aprofundada, mais articulada, sistêmica, que engloba diferentes estratégias”, esclarece.

Em termos práticos, as ações de recomposição das aprendizagens demandam num primeiro momento a sensibilização de toda a equipe pedagógica e o acolhimento dos estudantes, com o objetivo de se criar uma corresponsabilização mútua no processo. Uma vez estabelecido esse comprometimento de todos, o passo seguinte é a avaliação diagnóstica, para entender em que pé está a turma, quais as lacunas de aprendizagem e quais serão as habilidades essenciais trabalhadas (processo de priorização curricular). A realização desse diagnóstico bem como o planejamento de como se dará a recomposição exigem ainda formação docente para que os professores consigam definir tanto quais as melhores estratégias de avaliação como também quais as práticas pedagógicas mais adequadas.

Diferentemente das avaliações somativas, realizadas ao fim de um ciclo (como as conhecidas provas bimestrais feitas pelos alunos nas escolas), as avaliações realizadas ao longo do processo, chamadas de formativas, podem seguir tanto o formato tradicional (testes de múltipla escolha ou questões abertas) como se dar por meio de observação e registro em sala de aula, de rodas de conversa ou de portfólios produzidos pelos estudantes, entre outras formas. A escolha depende de qual o objetivo de aprendizagem e qual a melhor forma de verificar, produzir evidências de que o aluno efetivamente aprendeu.

O mesmo vale para a definição de quais ações e práticas pedagógicas serão utilizadas na recomposição, que deve se dar considerando quais as melhores



“No Brasil, estudos identificaram perdas médias estimadas entre 4 a 10 meses de aprendizagem, sendo maior em matemática e entre crianças mais novas.”

Nota técnica produzida e elaborada pelo Laboratório de Pesquisa em Oportunidades Educacionais da UFRJ



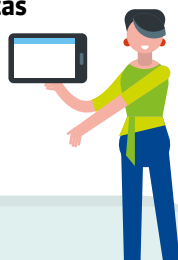
“Hoje estamos vivendo um processo de 2 anos de afastamento desses estudantes de aulas presenciais. Portanto, dizer que vamos fazer um processo de recuperação com eles não seria justo”

Cristiane Chica, especialista do Instituto Reúna

ESTRATÉGIAS QUE INTEGRAM A RECOMPOSIÇÃO DAS APRENDIZAGENS



- 1 Acolhimento dos estudantes**
Para sentirem que faz sentido estar na escola e que são responsáveis pelo processo de aprendizagem
- 2 Priorização curricular**
Com a priorização de habilidades fundamentais a serem desenvolvidas pelos estudantes
- 3 Adaptação de práticas pedagógicas**
Visando ao engajamento e desenvolvimento dos jovens



- 4 Avaliação diagnóstica e inicial**
Para mapear as lacunas de aprendizagem
- 5 Avaliação formativa e processual**
Para elaborar o planejamento e realizar intervenções pedagógicas
- 6 Material didático apropriado**
Elaborado especificamente no contexto da iniciativa e respeitando a autonomia do professor
- 7 Formação**
Para preparar os docentes para o acolhimento dos estudantes, definição das ações e dos materiais



Fonte: Instituto Reúna

estratégias para desenvolver aquela competência ou conteúdo. Como no contexto pós-pandemia as lacunas de aprendizagem estão presentes em turmas ou mesmo séries inteiras, muitos professores veem as metodologias ativas como o melhor caminho para recomposição, pois privilegiam o protagonismo dos alunos e estimulam o debate, a reflexão e a construção coletiva de conhecimento. A aprendizagem por projetos, por desafios ou entre pares/ times são algumas das estratégias possíveis.

“COMO NOMEAR O NADA”

Na Escola Estadual Manuel Loureiro, situada no município de João Monlevade (MG) e que atende cerca de 1.200 estudantes dos Ensinos Fundamental e Médio, o trabalho com a recomposição de aprendizagem tem sido contínuo desde a pandemia. A coordenadora pedagógica (especialista na nomenclatura da rede mineira) do Ensino Médio da escola, Marisa Bueno de Bellis, também faz questão de frisar que “a escola tem um histórico de gestão pedagógica. Trabalhamos muito com essa ideia de sequência didática de projeto, a questão da continuidade. O monitoramento que a gestão faz desse processo [de aprendizagem] é muito profundo”, ressalta. A formação docente na Manuel Loureiro é contínua e faz parte da rotina: os professores se reúnem todas às quartas-feiras, ocasião em que discutem teoria, mas também compartilham e debatem práticas de sala de aula.

Em 2022, por exemplo, a equipe percebeu que as turmas do 2º ano do Ensino Médio estavam entre as que apresentavam as maiores perdas de aprendizagem, especialmente em Matemática. O diretor da escola, Joel dos Santos Pereira, destaca que o desafio inicial foi identificar qual componente seria trabalhado na recomposição. “Como eu nomeio o nada, aquilo que o sujeito não sabe, o momento em que ele parou? O aluno não sabe nada, mas esse nada é tão abstrato, tão vago, tão aberto... É preciso identificar o que ele realmente não sabe. Uma pequena habilidade não consolidada é diferencial para que o aluno possa compreender o restante do processo e garantir uma aprendizagem melhor”.

Para dar conta disso, toda uma sistemática de avaliação foi desenvolvida: uma primeira avaliação era realizada e, na semana seguinte, os resultados eram compartilhados e analisados com os alunos. Na semana seguinte, uma nova avaliação era aplicada com os pontos que os estudantes tinham apresentado mais dificuldade, seguida novamente por análise. “Até chegar no ponto de identificar a partir de qual ponto eles não conseguiam avançar e que eles precisavam aprender”, explica a especialista. “Entender o que o sujeito sabe até não é difícil, mas nomear o que ele não sabe é uma questão para profissional de educação mesmo. Não é brincadeira”, enfatiza.

Essa sistemática levou à seguinte conclusão: “Os meninos não conseguiam aprender álgebra, que é a base do Ensino Médio, porque não reconheciam o zero como um elemento algébrico. Não tinham passado por essa etapa de entender que o zero é virtual”, conta Marisa. “E aí fizemos a recomposição da aprendizagem pareada com o que era conteúdo daquela série, mas trabalhando esse entendimento do zero até os meninos compreenderem a sua função dentro da Matemática”.

A especialista destaca que a pactuação entre professores e estudantes no início do processo foi decisiva para o êxito das ações: “O jovem precisa entender em qual processo ele está inserido, por que precisa retomar ou aprender certas coisas. Como foi uma coisa de comum acordo [a recomposição], eles aceitaram de verdade estudar. Tiveram montantes de problemas e de objetos de estudo para debater em grupo, para resolver, para ir ao quadro apresentar solução. Tivemos um planejamento maciço também de conteúdo e organização didática de trabalho em grupo. Por isso, eu acredito que tenha sido uma experiência muito feliz. Isso fortalece muito essa relação de vínculo”, diz.

O resultado é que depois de dois bimestres, a avaliação mostrou que em três das quatro turmas em que a recomposição foi realizada a proficiência melhorou e os estudantes conseguiram avançar. Agora em 2023, a percepção é de que as turmas que estão ingressando no 3º ano estão chegando mais bem preparadas do que as turmas do ano passado.

O desempenho da escola nas avaliações oficiais também é um indicativo da assertividade do trabalho pedagógico. “Mesmo com a pandemia, conseguimos avançar na proficiência em Língua Portuguesa e Matemática nas avaliações externas e ter crescimento no Ideb tanto nos anos finais do Ensino Fundamental como no Ensino Médio”, comemora o diretor.

Confira a Coleção sobre Recomposição da Aprendizagem no Observatório de Educação

Aprendizagem em Foco é uma publicação quinzenal produzida pelo Instituto Unibanco. Tem como objetivo adensar as discussões sobre o contexto educacional brasileiro, a partir de pesquisas, estudos e experiências nacionais e internacionais.

Para fazer algum comentário, envie um e-mail para: instituto.unibanco@institutounibanco.org.br

Para ler as edições anteriores, acesse: bit.ly/BoletimAprendizagemFoco

Produção editorial: Redação Fabiana Hiromi; Edição Antônio Gois

Projeto gráfico e diagramação Estúdio Kanno; Edição de arte Fernanda Aoki



PARA SABER MAIS

- **Fortalecimento da Aprendizagem para a recomposição das aprendizagens no Novo Ensino Médio**, Instituto Reúna/Instituto Unibanco: bit.ly/Fortalecimento_Reuna_IU
- **Impactos da pandemia na educação brasileira, Laboratório de Pesquisa em Oportunidades Educacionais** – UFRJ/ d3e/Fundação Lemann (dez/2022): bit.ly/NT_Impactos-D3e
- **Ensino Médio na Prática - Recomposição das Aprendizagens** (webinário), Consed/Instituto Unibanco/ Instituto Reúna (set/2022): bit.ly/webinarioConsed_Recomposicao

